



Noites de Insónia

2 outubro 2019

Formador: Sérgio Guimarães de Sousa

Local: Casa de Camilo – Centro de Estudos (S. Miguel de Seide, Vila Nova de Famalicão)

II

O COMENDADOR

É tão fatalmente séria a vida que o
sofrê-la, sem misturar a tragédia com a
comédia, seria impossível.

H. HEINE, *Reisebilder*

A

D. António da Costa

Em testemunho da regalada leitura que V. Ex.^a me deu com o seu MINHO, lhe ofereço uma das novelas de cá. O Minho tem o romanesco da árvore e o romance da família. A paisagem sugeriu-lhe, meu caro poeta, as prosas floridas do ridente livro. O seu estilo tem a macia luz do luar das noites estivas, e o cadencioso murmúrio das ribeiras onde o céu estrelado se espelha.

O Minho lucra muito, visto assim de passagem, na imperial de uma diligência, lá muito no galarim do tejadilho, onde as moscas não se além a ferretoar-nos a testa e a sevandijar-nos os beijos convulsos de lirismo.

Viu V. Ex.^a perfeitamente o Minho por fora: as verduras ondulando nas pradarias, os jorros de água espumando na espalda dos outeiros, os fragoedos às cavaleiras dos milharais, a amendoeira a florescer ao lado do pinheiral bravio, as ruínas dos paços senhoril com os seus tapetes de ortigas e guadalmecins de musgo ao pé da chaminé escarlate e verde do negreiro a golfar rolos turbinosos de fumo indicativo de pancas grandes e galinhas gordas, lardeadas de chouriços. Simultaneamente, ouviu V. Ex.^a o som da buzina pastoril ressonando a sua longa toada nas gargantas da serra; viu os espantadiços rebanhos alcandorados nos espinhaços dos montes, e os rafeiros à ourela das estradas com os focinhos nas patas dianteiras, orelhas fitas e olhar arrogante. Reparou decerto na pachorra estóica do boi sevado, que parece estar contemplando em si mesmo a metempsicose em futuro cidadão de Londres mediante o processo do bife. Tudo isto, que é a forma objectiva do Minho romântico, viu V. Ex.^a, afora o mais que aformoseia o seu livro, os encarecimentos, as lisonjas, as feitiçarias da arte com que V. Ex.^a disputa primores à natureza.

Mas o que D. António da Costa não teve tempo de ver e apalpar foi o miolo, a medula, as entranhas românticas do Minho;

quero dizer — os costumes, o viver que por aqui palpita no povoado destes arvoredos onde assobia o melro e a filomela trila.

Ah! meu amigo! Romances, tecidos de casos cândidos e inocentes, apenas os fazem por aqui os pássaros em Abril quando urdem e afofiam os seus ninhos. O restante dos animais não ovíparos vista-mos V. Ex.^a no Catarro ou no estabelecimento da famosa senhora Cecília Fernandes, da Travessa de Santa Justa, que eu lhos farei representar ao vivo no próprio coração do Minho — entre Fafão e S. João do Calendário — as cenas contemporâneas da fina *Baixa* e piores.

A peste, que infeccionou os costumes destas aldeias não sei decidir se veio das cidades para aqui, se foi daqui para lá. Sá de Miranda considerou isto tudo estragado quando viu

*correr pardaus
Por Cabeceiras de Basto*

Imagine V. Ex.^a o que terá feito o esmeril do progresso a decodificar e a brunir este gentio há três séculos! Não faz ideia, meu amigo! Até a fotografia, abarracada nas cabeças dos concelhos, tem feito colaborar o sol e o cloreto de prata na relação dos costumes. Os «conversados» permutam retratos, e beijam-se reciprocamente em papel-cartão, aguçando o instinto da natureza bruta. Verdade é que os pastores minhotos, há trezentos anos, já traziam ao pescoço os retratos das pastoras pintados em madeira, como se depreende destes versos de Diogo Bernardes, o rouxinol do *Lima*:

Pendurei num salgueiro a minha lira
Ouvi-la ao som do vento é uma mágoa,
Em lugar de tanger geme e suspira.
Marília que pintada numa tábua
Aqui no seio trago, também chora;
Seus olhos dão-me fogo, e os meus dão-lhe água.

Não obstante, o fogo, que acendrava a paixão nos peitos daqueles Bieitos e Melibeus das élogas, era uma espécie de lume sacro que velava a virgindade... dos retratos pintados em tábua Porquanto, deve V. Ec.^a lembrar-se que os pegureiros do Minho

tais fomalhas faulavam do peito que os vizinhos iam lá prover-se de lume para cozinhar a ceia, como se colige das lástimas deste pastor do canoro Bernardes:

A viva chama, aquele intenso ardor
Que brando sinto já pelo costume,
De noite de si dá tal resplendor
Que mil pastores vem a buscar lume (1).

É verdadeiro e bonito. Os mestres da vernaculidade mandam que a gente leia isto, e mais os outros líricos seiscentistas — caldeirada de favas clássicas com as quais o entendimento se opila e encrua; mas a língua cresce.

Como quer que seja, entre os retratos em tábua quais os pintava S. Lucas, e o retrato em fotografia aperfeiçoado por Fox Talbot, mede a distância que etnologicamente separa as Nizes e Filis de Diogo Bernardes destas Joanas e Tomásias que hão-de florescer nas *Novelas do Minho*.

Ouçou dizer que a via-férrea, sulcando o seio virginal desta província, afugentou com o estridor das suas asas os pardais, a mala-posta e a Probidade.

É possível. Os caixeiros do Porto, sadios e sanguíneos, com as suas luvas amarelas, e todo o verniz, que lhes coube em sorte, nos pés, entraram Minho dentro, e derramaram a dissolvente chalaça nas aldeias. Por outro lado, a raça turdetana de Braga fechou pelo norte a barreira à inocência espavorida. A cidade santa de nossos pais e dos cónegos, a esposa de Fr. Bartolomeu dos Mártires, Braga despeitorou-se, desnalgou-se, sofredou as saias e mostrou a liga sobre o joelho desde que um jornal da terra lhe chamou *segunda Paris*. Eu não reparo na desproporção do confronto, quando ali me vejo no *Café Faria*, a sentir-me arquejar em *uma das artérias do grande corpo da civilização chamada Europa*, como lindamente diz o sr. Vaz de Freitas na sua *Guia do Viajante em Braga*, por seis vinténs. Tudo me leva à persuasão de que me acho na segunda Paris, quando a *Guia* me assevera com exactidão, ainda não contraditada pela inveja,

(1) Écloga III do *Lima*.

que Braga encerra nos seus muros sete procuradores de causas, e que ali (pag. 28) os barbeiros *superabundam*. Fazia-se ainda pelos modos uma terceira Paris com a superfluidade dos barbeiros!

A categoria modesta, em que o jornalista afidalgou a sua terra, justifica-se principalmente nas estalagens. Aí, é aí onde o viajante se sente saturado de Paris, a ponto de, cuidando que acorda alvoroçado pelas campainhas eléctricas do Grande Hotel no *Boulevard des Capucines*, achar-se em Braga, no hotel Aveirense, largo dos Penedos. Avantajam-se ainda, às hospedarias parisienses, no ponto de vista zoológico, os hotéis da princesa do Minho. Os forasteiros dados a pesquisas de anatomia comparada, podem, mediante uma gratificação razoável, passar as suas noites em vigílias úteis estudando insectos sem queixos e sem asas, de membros articulados, consoante a classificação de Cuvier. Ali se lhes oferecem exemplares em barda da pulga braguês (*Pulex bracharensis*). Convencer-se-á que as seis pernas deste parasita são desiguais, o que assim se faz mister para o salto. Não duvidará que ele tem o bico alongado com duas cerdas, e guarnecido na base de dois palpos escamosos. Se reparar bem nas pulgas maiores, dissipará suspeitas de que têm asas que realmente não têm as do *Hotel Leão de ouro* nem as do *Hotel transmontano*. Encontram-se nestes dois estabelecimentos larvas das mesmas, cilíndricas e sem pernas. O olho armado pode observá-las a mudarem-se em ninfas, que não são exactamente umas de quem cantava Garrett:

As ninfas invoquei do Tejo ameno
Que em mim criassem novo engenho ardente
Etc. CAM. C. IV.

Nem as outras de quem dizia o épico:

Caem as ninfas, lançam das secretas
Entranhas ardentíssimos suspiros...
LUS. Cant. IX.

Verdade é que o acessório das *secretas*, inclusas no verso de Camões, deixa supor que ele quisesse falar das ninfas dos

hotéis de Braga. Que estude o caso o sr. visconde de Juromenha, e não o desampare a Academia Real das Ciências.

Nos hotéis de Braga, finalmente, dão-se as mãos o espanto das modernas indústrias, as refinações da decoração, a obra prima de marcenaria e vidraria, — um luxo levantino, como em recâmaras de Nababos — e sobretudo a higiene expansiva de saúde a dar cambalhotas na brancura virginal dos lençóis; e à mistura com tudo isto ressalta não sei quê de arqueológico naqueles quartos! A gente, quando vai deitar-se, imagina que naquela mesma cama dormiu na noite passada S. Pedro de Rates ou Gonçalo Mendes da Maia.

Por fora das estalagens ainda há proeminentíssimas feições de Paris em Braga. O *Jardim*, por exemplo, V. Ex.^a já esteve no jardim? Impressionaram-no com certeza uns rumores, «ora sufocados, ora estrepitosos» que ali se escutam nos domingos de tarde? Também a mim. Não pôde soletrar em sons articulados aquele confuso borborinho? Nem eu. Quem explica o fenómeno, trivial nos *Champs-Élysées* e no *parc de Monseau*, é o já citado sr. Vaz de Freitas na sua *Guia do viajante em Braga*, por seis vinténs, pag. 41. A coisa é isto: *O chilrear das crianças, o devanear das poetisas, o queixume sonolento dos poetas, a conversação pesada e metódica dos proprietários, todos estes murmúrios vagos ou alegres, sufocados ou estrepitosos (hic) infundem uma vida nova e excepcional ao passeio, que o tornam atraente ou deleitoso*. Théophile Gautier, o Benvenuto Cellini da prosa francesa, não rendilharia com tão subtile filigramas de frase a explicação dos ruídos babilónicos do *Luxemburg*. Donde se colhe que Braga tem poetisas que exibem delirantemente os seus devaneios no jardim, ao mesmo tempo que os poetas se queixam sonolentos. Paris, tal qual. Note V. Ex.^a o contraste no sexo destas pessoas que bebem na Castália: elas *devaneiam*, apostrofando a gritos o arrebol da tarde e a brisa que cicia e se perfuma nas cilindras; eles, cabeceando marasmados pelo ópio do *narguilé*, queixam-se sonolentos, porque não os deixam dormir as poetisas. São homens gastos, estafados, *roués*. Sairam do *café Faria* intoxicados do absinto de Espronceda, de Nerval, de Larra e de Musset. Entraram no jardim com o cérebro anestesiado, querem dormir; e elas, à imitação do fêmeaço da Trácia, projectam escalavrar

aqueles Orfeus dorminhocos, Márcias que elas, filhas de Apolo, querem esfolar. Segunda Paris.

Aí vê V. Ex.^a a razão dos «estrépitos» explicada na *Guia*. Pareciam outra coisa pior.

Eu, afora isto, conheço outras analogias entre Braga e Paris, que estudei, sem subsídio — entendamo-nos. Há três meses senti-me ali adoecer da nevropatia, que é moléstia endêmica dos grandes centros de população, onde os deleites requintam, e o fluido nervoso se desperdiça — o que sucede em Londres, em Braga, em New-York, em Paris, quando a gente desconhece as leis da *relatividade dos prazeres*, como diz o professor escocês Bain. Confiando nos anti-históricos, fui comprar à botica do sr. Pipa, na rua do Souto, um frasco de cápsulas de éter-sulfúrico, e preparava-me para pagá-las com 300 rs. (um fr. e 50 cent.) — preço corrente no Porto — quando o praticante da farmácia me mandou entender o preço da droga com mais cinco tostões, e mostrou-me que o sinal aritmético de um franco estava emendado em dois. Ainda assim, observei-lhe que dois francos cambiados em moeda portuguesa eram quatrocentos réis. O interlocutor refutou triunfantemente a minha objecção, alegando que em Braga dois francos eram oito tostões.

Esta fisionomia da botica bracarense dá feições à terra, não de 2.^a, mas de 1.^a Paris. A 2.^a é a outra que os geógrafos ignaros nos inculcam 1.^a. Corrija-se.

Dou de barato que as referidas poetisas do jardim consumam cápsulas de sulfúrio copiosamente nas suas eteriações, e que os poetas sonolentos se despertem com elas, não querendo usar economicamente das cócegas; deve-se talvez às condições especias das musas bracarenses o preço superlativo dos anti-pasmódicos: assim mesmo, Paris 2.^a não pode arbitrariamente dobrar o valor da moeda de Paris 1.^a, nos géneros que importa, ao mesmo passo que, no valor legal da moeda francesa, exporta para França os seus chapéus, os seus cavaquinhos e as suas frigideiras.

Aqui tem, pois, D. António da Costa, o foco de progresso que espargue raios de luz para as aldeias setentrionais do Minho, enquanto o Porto alastra no sul os caixeiros contaminadores, que levam consigo a corrupção dos romances e as tentações do

cabelo untuoso com a risca ao meio da cabeça, lasciva como o dorso de um gato de Angora.

É neste meio que eu me abalanço e esgaratujar novelas. Há treze anos que apeguei por este Minho, em cata do bálsamo dos pinheirais e das fragâncias das almas inocentes. Diziam-se que a rusticidade era o derradeiro baluarte da pureza, e que os lavradores do Minho, nivelados com os saloios da Estremadura, eram os cândidos pastores da Arcádia comparados aos malandris de Gomorra. Um dos meus estudos, no intuito de me habilitar para o confronto do saloio com o minhoto — da raça sarracena com a galega — é esta historinha que lhe dedico meu nobre amigo.

De Coimbra, aos 15 de Outubro de 1875.

O COMENDADOR

PRIMEIRA PARTE

Seis de janeiro de 1832. Manhã chuvosa e frigidíssima. O zimbório rufava nas frestas envidraçadas da igreja de Santa Maria de Abade. Ringiam as carvalheiras varejadas pelo norte. Ao arraiar do dia, a devota dos Três Reis Magos, a tia Bernabé, tecedeira — viúva do operário Bernabé, que lhe deixara o nome e uma cabana com sua horta — ergueu-se, foi à residência paroquial pedir a chave da igreja; e, sobraçando a bassoura de giesta para barrer o chão, e a almotolia para prover as lâmpadas, entrou no adro. Ao passar em frente da porta principal, ajoelhou, persignou-se e orou. Neste momento, ouviu a vagir convulso e ríspido de criança. Voltou o rosto para o lado donde lhe parecia sair aquele choro. Não viu alguém. Espantou-se.

— Jesus! Santo nome de Jesus! Isto é coisa ruim! — exclamou ela, pousando no degrau da porta a vasilha e a vassoura.

E o chorar da criança cessou.

A tia Bernabé debruçou-se na parede baixa que murava o adro, e viu entre as grossas raízes de uma oliveira secular um embrulho de baeta azul, donde saiu um vagido. Saltou a parede, agachou-se à raiz da árvore, e pegou da criança, aconchegando-a do calor do peito e bafejando-a no rosto azulado do frio. A baeta estava ensopa da chuva que escorria da ramaria da oliveira. Tirou-lha apressadamente, envolveu o menino no avental, e agasalhou-o entre o seio e o farto jaqué de picotilho. Depois, desandou para a residência, e mandou dizer ao abade que topara no adro uma criança, que parecia estar a despedir.

— Pois que quer ela então? — perguntou o abade, expondo uma parte do nariz e metade do olho esquerdo à frialdade do

ar — Que tenho eu com isso? Que a leve a Barcelos. Aqui não há roda de enfeitados.

A criada do abade deu o recado.

— Torne lá, sr.^a Joana — replicou a tia Bernabé friccionando os pés álgidos do recém-nascido, com a barra da sua saia de sara-goça — e diga ao sr. padre que este menino, se morrer sem baptismo, é um anjinho do céu que se perde. O sr. abade há-de saber isto melhor que eu...

A criada repetiu a réplica, e ajuntou:

— A tia Bernabé diz bem. — Salte daí para fora, seu calaceiro! — E deu-lhe uma sonora palmada na nádega esquerda. — Um rapaz de vinte e sete anos está aí enteiriçado como um velho! Upa!

— Está quieta, Joana, olha que me fazes vento!

E ela puxou-lhe pelo pé direito, que excedia o volume de três pés; e ele, com o outro, despedido à toa, sacou-lhe do baixo ventre um som timpânico de odre cheio.

— Tarrenego! — bradou ela, recuando com as mãos postas na parte molestada —. Você atira? Tem má manha!

— Cheguci-te? — voltou ele risonho, embiocando-se na felpuda coberta, e encostando-se à almofada de chita que esto-fava o espaldar do leito.

— Que brincadeira! — queixou-se a moçoila arrufada — podia-me matar com o coice, se me dá aqui no coração!...

E punha a mão no estômago.

— Isso não é nada, rapariga!... Olha se amuas!

— Não, não é... não que a barriga é minha...

— Pois tu com este frio de mil diabos, vens-me mexer na roupa, e de mais a mais puxaste-me pelo pé do joanete que tem a friteira aberta!...

— Então dissesse-o... — tornou ela com semblante ajeitado à reconciliação —. Salte daí!... vá baptizar o enfeitado; que, se ele morre sem baptismo, verá que ingranzéu se levanta na freguesia. Bem basta o que já dizem...

— Calça-me as meias de lã; mas tem cuidado que não se despegue o emplastro da friteira.

E, enquanto a moça com jeitosa meiguice lhe encanudava nas pernas cerdosas as grossas meias alisando-lhas ao correr da tibia, resmungava ele:

— Quem seria a grande bêbeda que enjeitou a cria?
— Isso há-de ser de fora da freguesia...
— Também me parece... Cá não me consta... E vêm-ma cá pôr no adro!... Ah bom estadulho!...

— Fica uma coisa pela outra. As de cá também as levam às outras freguesias, quando acontece — disse Joana.

E nomeou várias ovelhas fecundas e tinhasas, enquanto o pastor lavava a cara no alguidar vermelho que a rapariga lhe chegava, com a toalha no ombro.

Ao pegar da toalha, sacudindo a cara e assoprando ruidosamente com a sensação do frio, o abade apertou a polpa da espádua à moça com ternura felina. Este carinho confirmou as pazes. Joana arregaçou os beiços ridentíssimos até às orelhas, e mostrou-lhe nos dentes de brilhante esmalte que o seu amor infinito resistira à prova do coice.

A tia Bernabé afligida, porque o menino soluçando se esverdeava, chamou outra vez Joana com encarecidos rogos.

— O sr. abade está já vestido — disse a moça saindo à janela — Passe você por casa do tio Isidro da Fonte, e diga-lhe que vá para a igreja, e deite água na pia.

* * *

O padre saiu de casa carrancudo e bocejando. De cada vez que escancarava as mandíbulas, traçava no envasamento da boca três cruzeiros com o dedo polegar.

A tecedeira, que o esperava no adro, abeirou-se dele mostrando-lhe a cara roxa da criança. O padre olhou-a de esconso, e perguntou:

— É macho ou fêmea?

— É um menino — respondeu a viúva.

— Acenda um daqueles cotos — disse o abade ao Isidro, apontando para os sórdidos castiçais de chumbo dum altar —. A pia tem água?

— Vem aí o meu rapaz com o cântaro.

— Vocês são os padrinhos? O rapaz há-de chamar-se Isidro, ou então põe-se-lhe o nome do santo de hoje — observou

o abade, boquejando e benzendo a boca, no limiar da porta travessa onde a mulher esperava, segundo o ritual.

— Hoje é dia dos Santos Reis — disse ela.

— É verdade — confirmou o padre, e cismou se *Reis* seria nome ou apelido. Não se lembrava de ter estudado esta espécie.

— Os Santos Reis Magos eram três — prosseguiu a tia Bernabé.

— Um chamava-se S. Belchior, outro S. Gaspar, outro S. Baltasar — explanou a devota dos magos orientais: — o menino pode chamar-se Belchior, se o sr. abade quiser.

— Eu quero tudo que vocês quiserem. Vamos a isto, que está um frio de rachar. — E, recolhendo-se à sacristia, esfregava as mãos, bufando-as com os gases do estômago ainda perfumados do vinho da ceia.

— Meu rico anjinho, irá ele morrer na água fria? — lamentava a boa criatura bafejando-lhe as duas faces.

O abade enfiou a sobrepeliz, revestiu a estola, mandou chegar o enjeitado ao baptistério, fez um resumo do latim cerimonial, e disse:

— Vão-se à vida.

— Vou-me daqui às Lagoas a ver se a Teresa do Eido me dá o peito a este anjinho, até ver se arranjo que algum lavrador me faça a esmola de um bocado de leite de cabra — disse a tia Bernabé.

— Então você não o leva à roda? — perguntou o abade esbugalhando o espanto nos olhos.

— Agora levo eu à roda o meu enjeitadinho! já que Deus me não deu filhos...

— E tem muito que lhe dar você?

— Enquanto eu puder fiar uma meada e tecer uma teia, dou-lhe eu o meu caldo e o meu pão; depois quando eu não puder, dá-mo ele. Casa e dois palmos de horta, graças a Deus, tenho eu, e não na devo a ninguém... O pior é que o pequeno, se lhe não acudo, morre de fome... Ai! meu Deus! há cadelas mais amoráveis que algumas mães...

— Ande lá... meta-se em trabalhos... — concluiu o abade, safando-se com os cabeções do capote apanhados na testa.

* * *

A criança vingou, espigou e saiu robusta e menos mal encaçada. Entre os sete e onze anos aprendia a ler, e nas horas vagas enchia as canelas do fiado ou dobava meadas.

Belchior Bernabé, (assinava-se assim com satisfação da mãe adoptiva) deparado a algum romancista imaginoso, daria trela ao esvoaçar alto da fantasia, quanto à sua origem. A mãe poderia ser uma fidalga de Famalicão ou de Santo Tirso. O pai, com toda a verosimilhança, poderia fantasiar-se algum dos generais do exército realista ou liberal que, por aquele tempo, manobram nessas paragens. Com estes dois elementos, a fidalga e o general, qualquer mediano talento, aproveitando o acessório das batalhas, compunha um romance de maus costumes, pelo que respeitaria ao enfeitado, e um livro histórico, pelo que interessaria à história da restauração da Carta Constitucional e do sistema representativo. Feito isto, o pequeno lucrava muito, sabendo nós que sua mãe era uma devassa recatada que, por noite desabrida de Janeiro, o mandou expor entre as raízes de uma árvore, em que os cevados foçavam luras com o focinho, e o não devoraram naquela madrugada porque estavam ainda cerrados nas suas pocilgas. Contanto que esta mãe desnaturada enjeitasse o filho, em respeito ao brasão e ao crédito, a criança ser-nos-ia mais simpática, as linhas de fina casta extremá-lo-iam entre as caras boçais da plebe, a auréola de nascimento misterioso banhá-lo-ia então da luz de um melancólico romance. Assim é; mas eu não sei quem fossem os pais de Belchior Bernabé. O rapaz, segundo ouvi dizer aos que o viram criança e adulto, era feio, espesso de cara, achamboado de pernas. Ninguém lhe farejava o pai nem a mãe pela semelhança do rosto: parecia-se com todas as mulheres e com todos os homens daquelas freguesias, onde as caras são achatadas sem ressaltos de protuberância, ou angulosas como as peras de sete cotovelos.

É maravilhoso este capricho fisiológico! A terra da Maia é um alfofre de moças bonitas, com os seios altos e alvos como pombas no ninho; os quadris elásticos e boleados têm saliências

que vos levam cativo, e vos levarão doido se lhes virdes as *lisas colunas* em que a *hera* do verso de Camões lembra sempre...

Desejos que como hera se enrolavam.

E lembra sempre este verso e os outros convizinhos (1) por serem os *Lusíadas* um poema que se lê nas escolas, e se encontra no açafate de costura das educandas, que puderam subtrair-se à morigeração pestilencial dos lazaristas.

Transpostos os limites da Maia, a primeira mulher que se vos depara na primeira freguesia do concelho de Famalicão, é feia e suja até ao asco, escanelada, escalavrada no peito, veste-se a frisar com a desgraça da sua má figura. E daí até Braga, se vos apraz, podereis inalar em todo o perfume, a pura flor da castidade. Se há terra onde possam ermar a defecar-se de sensualismo santos tentadiços, é ali. Cada mulher é uma figa benta de que fogem os três inimigos da alma, principalmente o último.

* * *

Belchior, aí por maio, mês das flores, da brotoeja e doutras fatalidades específicas, começou a amar. Tinha dezanove anos, carnadura rubra, ombros largos, assobiava como um melro, tangia cavaquinho, e amava a Maria Ruiva, filha do Silvestre Ruivo, o maior lavrador da freguesia. Este amor resguardava-se como um delito, e por isso mesmo se escandecia e refinava até à quinta-essência da paixão que está paredes meias do desastre. O enfeitado, se se afoitasse a alardear preferências nas atenções de Maria Ruiva, seria espancado pelos rivais ou por algum dos três padres tios da cachopa. Eram três clérigos afamados por façanhas de estudantes em Braga. Havião militado nas guerrilhas da usuração; terçavam de novo as armas em 1846, na carnificina de Braga; recolheram a casa depois da morte de Mac Donald, e diziam missas a oito vinténs para não se descasarem no ofício.

Uma noite, quando um dos padres recolhia, enxergou um

(1) Canto 2.º, Est. xxxvi.

vulto esbatido no escuro do murtal que formava o tapume da eira de sua casa, e lobrigou por entre a sebe o alvejar de uma saia a fugir. Cresceu sobre o vulto com o pau em programa de bordoadas, e ouviu o estalido do perro de pistola. Susteve a pancada, e perguntou:

— Quem está aí?

— Sou o Belchior Bernabé.

— Que fazes aí?

— Nada, sr. padre João.

— Porque te escondeste?

— Não faço mal a ninguém, sr. padre João.

— Mas engatilhaste uma arma de fogo! — e acercou-se dele arremetendo —. Que queres tu desta casa, enjeitado? Ser-vem-te as minhas sobrinhas...? — e atirou-lhe um epíteto que definia a natureza da mãe incógnita.

— Sr. padre João, olhe que, se me bate, eu bem me custa, mas... atiro-lhe. Siga o seu caminho, e deixe estar quem está quedo e manso.

Padre João Ruivo sobraçou o marmeleiro ferrado, e murmurou:

— Tomo-te à minha conta, brejeiro!

E passou avante.

Ao apontar do sol, esporeou a égua para Famalicão, demonstrou-se com a autoridade administrativa, com os membros da comissão distrital, com o regedor, e saiu alegre. Ao outro dia, na porta da igreja de Santa Maria de Abade, lia-se Belchior Bernabé, enjeitado, entre os mancebos apurados para o recrutamento.

E, entretanto, Silvestre, o pai de Maria, chamou ao sobrado da tulha três filhas que tinha, e disse:

— Qual foi uma de vocês que esteve esta noite na eira a conversar para o quinchoso com o enjeitado da Bernabé.

Duas responderam logo ao mesmo tempo:

— Eu não! — e acrescentaram:

— Cega eu seja de ambos os olhos!

— Quebradas tenha eu as pernas!

— Má raios me partam!

A terceira, Maria, abaixou a cabeça, levou o avental de estopa aos olhos, e chorou.

— Foste tu? — exclamou o pai; e, pegando de um engaço, ia cravar-lhe os dentes na cabeça, quando as duas filhas lhe fer-raram do pulso. O pai, homem possante de quarenta anos, sacudiu-se a custo das presas das valentes raparigas, largando-lhes o engaço, e esmurraçou a outra com tamanho ímpeto de raiva que Maria caiu atordoada.

Em seguida, voltou-se para as duas filhas, e disse:

— Esta mulher fica fechada aqui, entendem vocês? Se quiserem, tragam-lhe o caldo; se não, que morra para aí, que a levem os diabos!

E, saindo, rodou a chave, e guardou-a na algibeira interior da vestia.

* * *

A tecedeira, quando Belchior, lavado em lágrimas, lhe disse que ia ser soldado, encostou o queixo às mãos postas em súplica, relançou os olhos à imagem do Bom Jesus do Monte, deteve-se instantes, e disse serenamente:

— Não irás para soldado, meu filho. O tio Silvestre Ruivo já me ofereceu dois centos por esta casa, com a condição de me deixar morrer nela. Vende-se a casa, ficas tu sem ela, mas onde quer se vive. Para soldado não vais, Belchior. Dás o dinheiro aos governos, como fazem os filhos dos lavradores ricos, e estás livre.

Belchior não cessava de chorar, e de vez em quando, por entre soluços, articulava palavras que a tecedeira, um tanto surda e de todo alheia dos amores do rapaz, não percebia.

— Não chores, moço! — insistia a velha, repetindo o expediente de vender a casa; e Belchior, por fim, obrigado a explicar-se, rompeu nesta exclamação:

— A Maria Ruiva está perdida e desgraçadinha!

— Credo!... tu que dizes, Belchior?!

O rapaz arrepelava-se; apanhava com as mãos a nuca, e batia com os cotovelos um contra o outro. Atirava-se de trambolhão sobre uma grande caixa de castanho, e jogava a cabeça contra os joelhos com a pasmosa elasticidade da sua aflição. Fazia aquilo porque não sabia as frases que nós, os maus romancistas, costumamos emprestar a esta espécie de sujeitos.

A tia Bernabé, ora lhe pegava na cabeça, ora nos braços, dizendo-lhe as mais carinhosas consolações. Por fim, o enjeitado, erguendo-se de salto, e olhando em redor tão sinistramente quanto cabe na rubrica de um drama e na pupila fulva do sr. Isidoro Sabino Ferreira na tragédia, disse com o esbofar das angústias vertiginosas:

— Assim com'assim... mato-me!

Aqui foi um alto soluçar da tecedeira, um desentoadado choro que alvorotou a vizinhança.

Belchior, assim que viu a casa a encher-se de gente, fugiu pela porta da cozinha, saltou valados, emboscou-se numa seara de centeio, e aí, estirado por terra sobre as loiras gabelas, chorou copiosamente.

A tia Bernabé pedia entretanto aos vizinhos que fossem atrás dele, porque o seu Belchior dissera que se matava.

O enjeitado deixou-se trazer como um ébrio nos braços dos vizinhos; e chegando a casa, pediu que o deixassem deitar. Depois, ganhando ânimo — que é sempre certo, esgotadas as lágrimas — contou à tia Bernabé a sua curta história com Maria Ruiva, concluindo-a com uma revelação que eriçou os cabelos da velha.

* * *

Nessa mesma hora, a tecedeira saiu cambaleando e encostada às paredes, em demanda do abade.

Era ainda o mesmo que baptisara Belchior. Envelhecera e engordara. Meditava depois de jantar no destino da sua alma, assim que o destino do corpo lhe parecera consumado. Joana, a das sapatadas naquela anca de Hércules Farnésio, havia muito que cauterisava a consciência chagada, cortando o cabelo e cilhando os rins pecadores com a corda nodosa dos cílios. O abade também sofrera um abalo rijo de contrição, a ponto de não substituir Joana, e calçar as meias directa e pessoalmente. Nesta espécie de amputação espontânea, não podendo criar processos de filosofia nova, como Pedro Abélard, comia às suas horas e profanava com silabadas o latim do missal. Prometia acabar bem.

A tia Barnabé referiu-lhe o que Belchior lhe confessara, a respeito de Maria Ruiva.

— Eu bem lhe disse a você, mulher, que se metia em trabalhos, lembra-se? — recordou o abade.

— Sim, senhor, lembra... mas então? Ainda me não arrependo, se o sr. abade me fizer a caridade de falar ao Silvestre, e dizer-lhe que o melhor é, já agora, deixar casar a rapariga.

— Você — atalhou o padre — você, Bernabé, deu-lhe volta ao miolo! O Silvestre dar a filha ao enjeitado!... Ora, mulher, peça a Deus juízo, e diga a esse tratante que se vá quanto antes sentar praça, antes que lhe dêem cabo da pele. Com que então!... o alma do diabo foi às do cabo, hein?

A tecedeira ouviu-o com o rosto lavado em lágrimas; e ele, solfejando as palavras iracundas ao compasso do rufo que fazia com a caixa de prata sobre o braço da cadeira, prosseguiu:

— Forte maroto! Atrever-se a conversá-la já era muito: mas isso que você me diz, mulher, só na força! E então... uma rapariga sem nota, que já foi pedida pelo Francisquinho das Lamelas, que colhe oitenta carros e vinte pipas, afora o azeite!... E, vamos lá, era a melhor das irmãs, uma mocetona!... Com que então esse patife disse-lhe mesmo que ela... daqui a pouco... já não pode esconder o fruto do seu crime?

— Sim sr. — balbuciou a tia Bernabé.

— Isto só no inferno! — voltou o abade, rebitando a ponta do nariz para dilatar a circunferência das ventas sobranceiras à pitada —. Isto só no inferno!...

— Valha-me Deus, sr. abade! — replicou timidamente a tecedeira —. Então a religião de nosso Senhor Jesus Cristo não dá remédio a estas desgraças, que tantas vezes acontecem? No melhor pano cai uma nódoa. Logo que eles se casem, está tudo remediado, pois não está?...

— Está o quê?... Então uma rapariga de boa família, que tem três tios padres, e que é filha dum capitão de ordenanças, casa-se assim com um enjeitado que você encontrou na bouça da igreja entre o mato!?...

— É verdade; mas todos somos filhos de Deus — argumentou a tia Bernabé, e mais longe iria na sua prelecção de caridade ao pastor, quando uma vizinha a chamou à porta da resi-

dência para lhe dizer que Belchior estava preso entre seis cabos de polícia que o levavam para soldado, e ele a mandava chamar para se despedir.

Ainda desceu precipitadamente as escadeiras a trémula velhinha; mas, a poucos passos, caiu de joelhos, amparou-se no valo, e debruçou-se desmaiada.

Entretanto, o regedor ordenava aos cabos que levassem o preso, visto que a tia Bernabé fora levada sem acordo para a residência. Belchior pediu que o deixassem ir lá despedir-se de sua mãe. O regedor voltou-lhe as costas, e acenou aos cabos que marchassem.

* * *

Em Fimalicão deram-lhe uma guia, e enviaram-no entre seis espingardas para Braga. Ao outro dia era soldado.

A tia Bernabé procurou-o no quartel do *Populo* nesse mesmo dia. Quando o viu de cabeça tosquiada como cão morrinhoso, e coleira de couro preta, estonteou-se-lhe o juízo e esteve a pique de cair. O recruta, chorando com ela nos braços, apiedou o comandante da guarda, que os mandou entrar na casa das tarimbadas. Daí a duas horas, tocou a corneta a recruta. Belchior já não tinha nome. Era o 29.

— Salta daí, 29! — bradou-lhe um anspeçada.

— Que é? — perguntou a tecedeira.

— Vou para o exercício, minha mãe.

Ela viu-o marchar com outros para o campo do exercício; e logo, a meio caminho do terreno das manobras, um furriel barbaúdo e de chibata, lhe assentou na parte sobrejacente às pernas um pontapé instrutivo. Diga-se a verdade — era o primeiro.

A tecedeira, quando isto presenciou, saiu do campo estrangulada por soluços, entrou na Sé, e orou largo tempo com o rosto no pavimento. Depois lavantou-se reanimada, e foi para a sua aldeia executar o que ficara convencionado com Belchior: vender a casa, e substituí-lo.

Pregou anúncios na porta da igreja e nas árvores vizinhas das estradas. O pai de Maria Ruiva muito queria comprá-la

para arredondar um campo com a horta e armar na casa térrea um estábulo de bois para embarque; porém, receando que o seu dinheiro servisse a resgatar o soldado, consultou os irmãos clérigos. Padre João foi a Braga *mexer os pauzinhos*, disse ele; e, voltando, sossegou o irmão:

— Compra a casa, que o enjeitado as correias não as bota fora do lombo.

O lavrador tinha oferecido duzentos mil réis, quando a tecedeira não pensava vender a casa onde nascera; mas agora, por terceira pessoa, mandou-lhe oferecer cento e quarenta.

A desventurada velha ia ceder, pensando que vinte moedas de ouro bastariam a resgatar o filho; neste aperto, uma beata de freguesia distante, e confessada do abade, lhe propôs a compra, a fim de passar a estação das penitências ali à beira do seu director espiritual. Esta mulher, que era virtuosa, foi desde logo difamada pelos padres Ruivos à conta do confessor que a dirigia; e o lavrador por sua parte enraivava-se sabendo que a Bernabé vendera a casa por duzentos mil réis. Padre João, conversando a tal respeito com o abade, desfechou-lhe esta ironia entre duas pitadas:

— Quando se está assim gordo, sr. abade, é preciso *trazê-las* para perto...

E o pastor, exulcerado na sua candura, cascalhou uns froixos de tosse de esgana, e gosmou:

— Se eu trouxesse para esta freguesia ovelhas de fora, talvez que o padre João me deixasse em paz as do meu rebanho...

Entendiam-se.

* * *

A tia Bernabé foi a Braga com o dinheiro e com um seu cunhado, que havia sido embarcado, e então era calafate em Vila do Conde. Por felicidade viera ele à terra ver os parentes; e, condoendo-se da paixão da cunhada, se oferecera a dar em Braga os passos necessários à baixa do Belchior. O requerimento foi indeferido. O calafate andou por advogados que lhe escreviam réplicas inúteis. Por fim, compreendeu que o rapaz havia de gemer sob o peso da vingança do lavrador. E como ele pas-

sara quarenta anos no mar e ali ganhara ódio às misérias da terra, tanto que soube que o rancor era de padres e o crime do rapaz era de amores, voltou-se para a cunhada e disse:

— O rapaz vai de hoje a quinze dias para o Brasil. Tu pagas-lhe a passagem, e o resto fica por minha conta. Daqui até Vila do Conde é desertor; assim que sair a barra, é livre... olha... vêς aquela andorinha? é livre como ela!

— E não hei-de tornar a vê-lo!? — atalhou ela chorando.

— Se o não tornares a ver, que monta? Tens tu de fechar os olhos para sempre ou não? Qual queres tu: vê-lo aqui soldado, ou saber que ele está no Brasil a manobrar a sua vida? Deixa-o ir. A rapariga, quando ele chegar a Pernambuco, já lhe não lembra; e, se enjoar, então é como quem deita o coração pelas goelas fora. Tu vens para Vila do Conde comigo. Tens que comer e uma enxerga onde durmas.

* * *

Em março de 1852, fez-se à vela de Vila do Conde a barca *Conceição*. Entre os passageiros ia o desertor. Chamava-se aí Manuel José da Silva Guimarães, e nunca mais ouviu proferir o seu nome.

Quando a polícia deitava inculcas no concelho de Famalicão procurando a paragem da tia Bernabé, rendia ela a alma ao seu Criador em Vila do Conde. Vira desaparecer as velas da barca *Conceição*, ajoelhada no terraço do Castelo. Depois, quedara-se de bruços a chorar. Levaram-na nos braços a casa do cunhado. As lágrimas secaram-se. Veio a febre e o delírio. Chamou, chamou por seu filho, até que Deus a chamou a ela. Não foi confessada nem ungida; mas morreu santa porque vivera santamente. Achara aquele enjeitadinho, criara-o, amara-o, vendera um cordão para o vestir jeitosamente a fim de o mandar à escola, vendera as arrecadas para lhe comprar fato novo quando foi à primeira confissão, vendera a casa e o tear e o leito onde morrera sua mãe para o remir de soldado. Padeceu grandes angústias quando soube que o filho do seu coração era culpado na desgraça de uma rapariga honesta. Cuidou que o padre, o pregador da

caridade e da igualdade dos servos de Jesus Cristo, iria admoestar o lavrador abastado a conceder a filha para esposa do pobre. Esta santa cegueira da cristã é de crer que Deus lha perdoasse. Por fim, de virtude em virtude, e de dor em dor, logo que aos setenta anos de idade viu sumir-se para sempre o seu querido enjeitado, pediu a Deus por ele, por si, e... morreu.

SEGUNDA PARTE

Vinte anos volvem-se tão depressa, que eu, neste salto que o leitor vai dar, não me despenderei a encher-lhe de frases o passado. O melhor é fechar os olhos e saltar.

Vinte anos! Que são vinte anos?

Nós ainda ontem éramos rapazes, ó velhos! Este *ontem* gastou vinte anos a resvalar para *hoje*. Que se passou neste lapso fugitivo de nossa vida entre a juventude e a velhice? Nada! Temos a nosso lado filhos homens, e netos que amanhã serão homens; e, todavia, parece que ainda ontem com um raio de sol e com o perfume de uma rosa compúnhamos o sorriso da loira mãe destes homens, que está hoje velha! Ainda ontem éramos poetas pelo amor, afoitos pela aspiração, valentes pela mocidade. Que grandes coisas devem ter-se passado nesse instante de vinte anos, em quanto esperávamos outras que nunca vieram! A cis-mar sempre com o futuro não o víamos passar. Afinal parou; e deixou-se conhecer porque marchava pesado, tardio e triste: era a velhice. Chegou de repente; escureceu-se-nos tudo como se as alegrias nos fulgissem do seio de um relâmpago. Esta treva foi instantânea, e gastou vinte anos a condensar-se. Que são vinte anos?

* * *

Em 1872, hospedou-se no hotel de Famalicão um brasileiro a quem os seus criados negros e brancos chamavam simplesmente *sr. comendador*. Não viera recomendado a algum dos barões da terra. Enviara adiante a recomendação da parelha de orças,

da caleche, dos lacaios. Representava quarenta anos florentíssimos. Basto bigode, suíça inglesa, espesso cabelo levantado em novelos crespos que lhe escantavam a fronte. Espáduas amplas, à proporção das pernas que se moviam rijas e baseadas em pés infalíveis como os alicerces das pirâmides dos faraós. Trajava a primor, de preto, com um ar de pessoa que passeava de tarde na estrada de Braga, com o intento de ir à noite a *Convent-Garden*, ao *Royal Italian Opera*. Fumava sempre uns charutos que vaporavam os aromas das recâmaras das sultanas. Na mesa, era de uma elegância frugal que desmentia a procedência. Olhava para o bife com um fastio tal e tamanha tristeza, que fazia lembrar Tertuliano, quando, meditando na metempsicose, olhava para o boi cozido, e dizia: «Estarei eu comendo meu avô?»

Conquanto nem ele nem os criados declarassem os seus nomes e apelidos, os jornais do Porto haviam anunciado a chegada do maior capitalista de Pelotas, sr. Manuel José da Silva Guimarães.

Nada de bioquices com o leitor: aí está Belchior Bernabé, o enjeitado.

* * *

Ao terceiro dia de hospedagem em Famalicão, o comendador cavalgou, acompanhou-se do laiaio, e seguiu na direcção de S. Tiago das Antas.

— Vai ver a igreja que fizeram os moiros... Calculou outro comendador da terra, e assim o comunicou a mais dois comendadores, atribuindo aos moiros a igreja dos cavaleiros de Rodes.

— Há-de ser isso — confirmou o mais correcto. — Este homem é mágico. O Guimarães do hotel já lhe perguntou se era nascido cá no Minho, e ele respondeu...

— Que não tinha a certeza — concluiu o outro. — Tem grande telha!

— Ontem, na feira, estava ele a ver vender duas juntas de bois para embarque. Quem nas vendia era o Silvestre Ruivo...

— Bem sei, o irmão daquele padre João que morreu há três anos de apoplexia.

— É isso. O telhudo, que não fala com ninguém, pôs-se a conversar com o Silvestre a respeito dos bois: depois levou-o à hospedaria, e deu-lhe de jantar. O Silvestre esteve depois comigo, e vinha espantado de ver dois criados de casaca, bota de verniz, gravata branca e luvas, a servir à mesa. — E em que falaram vocês? — perguntei-lhe eu. Disse que o comendador lhe perguntara coisas e tal *et coetera* cá da província e que ficara de ir a casa dele ver a corte dos bois. Mágico ou não? Olhem vocês! Vai ver os bois!

— Se fosse aqui há dez anos atrás — disse o comendador Nunes — valia-lhe a pena de ir ver as bezerras... Você ainda conheceu as Ruivas, a Antónia e a Chica, ó sor Leite?

— Ora se, conheci! Que fatias!...

— Que diriam vocês — volveu o sr. Nunes — se conhecessem a Maria que eu me lembro de ver antes de ir em o Rio... Que pimpona! Apanhou-a um enjeitado...

— Já ouvi contar esse caso.

— Você não sabe nada, perdoe. O enjeitado entrava em a escola do Zé Batata quando eu saía já pronto. Depois, lá tive notícias no Rio que a moça dera em droga. Ele foi preso para soldado e desertou; e ela nunca mais ninguém lhe pôs o olho noombo. Uns dizem que está num recolhimento de convertidas, outros dizem que está fechada, desde que isso foi... há-de haver, João Nunes, há-de haver, bons vinte anos...

— Isso é que é pai de febras!... fez muito bem! — aplaudiu o mais devasso.

* * *

Entretanto, chegava o comendador Guimarães à porta do ex-capitão de ordenanças Silvestre Lopes, de alcunha o *Ruivo*. Era esperado.

No patamal da escada que conduzia à vasta quadra chamada «a sala dos padres» estava o lavrador, entre três clérigos venerandos por sua idade: devia contar qualquer deles bastantes anos sobre setenta.

O comendador deu as rédeas do seu alazão ao laçao, subiu prazenteiramente, apertando a mão a Silvestre, e cortejando os padres.

— V. Ex.^a não se perdeu nos atalhos? — perguntou o lavrador.

— Quem tem boca vai a Roma — respondeu o comendador; e referindo-se aos padres:

— São seus manos, sr. Lopes?

— Dois são; o outro é o sr. abade.

O hóspede encarou-o muito a fito, e perguntou:

— É abade há muitos anos nesta freguesia?

— Vim para aqui paroquiar em 1828, na idade de vinte e cinco anos; tenho setenta e seis: conte lá V. Ex.^a.

— Está aqui há cinquenta e um anos feitos — acrescentou o padre Bento Lopes.

— Justamente, — confirmou o clérigo que baptizara Belchior, o enjeitado exposto na manhã de 6 de janeiro de 1833.

O comendador não via naquele ancião um só traço do corpolento abade.

Conversaram sobre a guerra do Paraguai, sobre a emigração dos minhotos, sobre o estado florescente da indústria e da agricultura portuguesa. O lavrador, apoiando o comendador, encarecia a nossa prosperidade com este conciso, pesado e até certo ponto bicórnio argumento:

— Vejam o dinheirame que dão os bois!

Estava a mesa posta no sobrado imediato, e à cabeceira da mesa a cadeira destinada ao hóspede.

— V. Ex.^a vem para aqui — disse o lavrador apontando-lha com urbana homenagem. — Ninguém mais se sentou nessa cadeira desde que morreu nosso irmão mais velho, padre João. Faz agora três anos que morreu dum estupor...

— De apoplexia — emendou o padre Hipólito.

— Tanto faz — replicou o Silvestre. — Estava a dizer missa, e caiu redondo no altar.

— É de crer que a sua alma estivesse preparada para esse transe — observou o comendador em tom compungido.

— Era bom padre — disse o abade, talhando à faca os canudos flexuosos da sopa de macarrão — isso era, coitado! Deus o tenha à sua vista!...

— Está aqui toda a sua família, sr. Silvestre? — perguntou o hóspede — Se bem me recordo, — disse-me na feira de Vila Nova que tinha filhos...

— Filhos, não, meu senhor, Tenho duas filhas.

— Três... — emendou o abade.

— Duas! — retorquiu desabridamente o lavrador coruscando-lhe os olhos irados.

— Ah! sim... duas... eu agora estava distraído... — remediou o indiscreto.

E o comendador não perdia a mínima expressão das quatro fisionomias.

— Tenho duas filhas, — repetiu o pai de Maria — Uma está casada fora com um proprietário, já tem um filho em Braga para padre, e outro a doutorar-se em Coimbra. A outra está em casa. Não quis casar, e já está a caminhar para os trinta e sete anos. É a que governa a casa.

Este incidente passou. O comendador mostrava-se profundamente abstraído. Comeu pouquíssimo, e quase nada disse. Apenas, terminado o suplício da exposição do peru, do lombo de porco de vinho e alhos, da perna de vitela e do leitão, pediu licença para retirar-se, pretextando a precisão de estar cedo em Vila Nova.

O abade acompanhou-o, porque o brasileiro mostrou desejo de ver umas sepulturas notáveis de que certo romance dava notícia, no adro da igreja de Santa Maria (1).

Os outros padres quiseram ir também; mas o comendador dispensou-os com delicada violência, prometendo voltar a vê-los mais de espaço.

O abade, mostradas as duas campas vazias, convidou o ricoço a subir à sua pobre residência.

— Como muita satisfação, sr. abade: simpatizo com V. S.^a, quero mesmo granjear a sua amizade.

— Ó excelentíssimo senhor! que valho eu, pobre velho, e pobre abade da mais pobre das abadias!... Aqui gastei a vida, já agora quero que esta terra, onde dormem tantos que baptizei tantos que casei, me coma também os ossos.

(1) Aludia à novela intitulada o SENHOR DO PAÇO DE NINÃES.

O padre estava lúgubremente palavroso. Havia ali uma flor de poesia elegíaca a entreabrir-se um pouco borrifada de mau vinho do Porto. Sentia-se expansivo.

Pensava o brasileiro em ocasionar conversação acerca do incidente, acontecido no jantar, sobre se eram duas ou três as filhas do Silvestre. Não foi preciso rodeios. O padre endireitou logo com o assunto nestes termos:

— O Silvestre é bom sujeito, bom paroquiano, amiguinho dos seus interesses, isso sim: mas desse pecado, se o é, está o inferno cheio. Porém, excelentíssimo senhor, tem este homem um modo de pensar a respeito da honra que não se conforma com a religião da caridade e do perdão. V. Ex.^a havia de notar a ira com que ele disse que as suas filhas eram duas quando eu, por descuido, disse que eram três. Conheci logo que andei mal, e emendei-me contra a minha consciência; mas enfim, eu estava a jantar em casa do homem, estava ali um cavalheiro respeitável, a civilidade mandou-me tapar a boca...

— Sim... eu notei que V. S.^a, cedendo ao número das duas, fê-lo constrangidamente.

— Pois por isso mesmo que eu percebi que V. Ex.^a notou, é que devo à minha posição de padre esclarecer a verdade diante do sr. comendador. Se quer ouvir a história... mas V. Ex.^a disse que tinha pressa...

— Não, senhor. Queira dizer. Tenho muito tempo.

O abade saiu à janela, e disse para fora ao criado que fosse levar a égua pela fresca ao mato. Depois, fechando o trinco da porta da saleta, continuou, fazendo sentar o hóspede em uma cómoda cadeira de estofa, e ocupando ele outra de pregaria com espaldar de moscovia:

— O Silvestre não tem duas filhas, tem três. A mais velha, que eu baptizei há trinta e nove anos, chama-se Maria. Esta rapariga, aqui há vinte anos, andou de amores com um enjeitado que por aqui se criou em casa de uma santa criatura, que o encontrou no mato da igreja, pelo lado de fora das campas que V. Ex.^a viu há pouco. O diabo do rapaz desviou-a do bom caminho e pô-la na mais mísera situação que em tais casos é possível. Enfim, a rapariga sentia-se mãe, quando um dos padres que já lá está na presença de Deus, deu com eles em palestra de noite. Dali a

dias, o Belchior (chamava-se assim o enjeitado), foi daqui preso para Braga, e deitaram-lhe as correias às costas. Passado pouco tempo, o soldado desértou, e foi para onde estivesse seguro. Agora falemos da moça. O pai moeu-a bem moída de pancadaria, fechou-a no sobrado de uma tulha, e mandava-lhe dar todos os dias duas tigelas de caldo, dois pedaços de pão, e uma caneca de água. Dois ou três meses depois, apareceu-me aqui um calafate de Vila do Conde, que vinha a ser cunhado da tal Bernabé que criara o Belchior, e disse-me que sua cunhada morrera de saudades do desertor que não podia mais voltar à pátria; e que, antes de expirar, lhe pedira que viesse ter comigo, e me rogasse, pelo divino amor de Deus, que fizesse eu todas as diligências por haver à mão o filho do seu Belchior, que ele calafate se encarregava de o levar para Vila do Conde. A falar a verdade, era empreitada de costa arriba meter-me eu neste delicado negócio com o Silvestre; mas pedi forças a Deus e fui-me ter com ele. Conte-lhe o estado da filha, e ofereci-me para dar à criança, quando nascesse, o único destino possível em harmonia com os interesses da terra e os da divina religião da caridade de Jesus, que mandava chegarem-se a Ele as criancinhas. O homem ouviu, praguejou, berrou que ia matar a filha; e eu então, resolvido a tudo, disse-lhe sem temor que se ele matasse a filha iria eu acusá-lo de matador de duas vidas. O homem teve medo, e concluiu afinal que a criança me seria entregue; mas que a rapariga nunca mais veria sol nem lua... Estou maçando o sr. comendador...

— Pelo amor de Deus! estou interessadíssimo nessa triste história...

— Tristíssima, excelentíssimo senhor! Eis que nasce um rapaz, e quem assistiu ao nascimento e mo trouxe foi uma viúva serva de Deus, minha confessada, que vivia aqui na casa que comprara à tal Bernabé. Fui eu que lhe pedi que merecesse a divina graça por esta obra de misericórdia. Já cá estava então em casa de uns parentes o calafate à espera do filho de Belchior. Entreguei-lho, e lá foi o pequeno para Vila do Conde, depois que o baptizei com o nome de seu pai.

— E esse menino... — atalhou o comendador, arrancando a pergunta das ânsias que a débil vista do abade não divisava

— Eu lhe conto, meu senhor. Dois anos depois, morreu o calafate, e eis que a criada dele mo remete para aqui, dizendo que o patrão assim lho ordenara, para que eu o entregasse às irmãs e sobrinhas dele que moram ali numa freguesia ao pé. Chamei as tais mulheres, mostrei a criancinha, dei-lhes o recado do calafate falecido, e elas responderam que não queriam saber de histórias; que tomasse o avô e a mãe conta dele, que eram bem ricos. A serva de Deus que morava, como já disse a V. Ex.^a na casa que fora da tia Bernabé, tomou conta do enjeitadinho. Havia nisto mistério profundo! O pai fora criado na mesma casa onde era criado o filho, ambos sem pai nem mãe! Desgraçadamente, quando o pequeno ia nos seis anos, morre a benfeitora de morte repentina. Os parentes sacudiram dali o mocinho, e o Silvestre comprou a casa, botou-a abaixo, e fez uma corte de de bois. Ali daquela janela pode V. Ex.^a ver a corte onde foi a casa de duas santas mulheres. É aquela que branqueja por entre aqueles dois carvalhos.

O comendador foi à janela, reconheceu os arredores da extinta casa da sua infância, enxugou as lágrimas, voltando as costas ao abade, e tornou a sentar-se em frente do ancião.

— Que havia de eu fazer-lhe? — prosseguiu o abade — trouxe para aqui o pequeno, e mandei-o à escola.

— Muito bem! muito bem! — exclamou arrebatado o brasileiro — muito bem, honrado homem! — e apertou-lhe a mão, levando-a aos lábios.

O abade retirando a mão húmida de lágrimas, disse comovido:

— Fiz o meu dever, senhor! Oxalá que esta boa acção me seja descontada nas muitas que tenho ruins na minha vida...

— E depois, o pequeno... — atalhou pressurosamente o hóspede.

— O pequeno, eu lhe digo... Agora tornemos a falar da mãe... Três anos e meio esteve fechada no tal cárcere. Via apenas uma irmã que lhe levava o alimento. Depois esteve em perigo de vida, e pediu um confessor. Fui eu o chamado à falta de outro. No acto da confissão, disse-lhe que o seu filho estava em minha casa, e que passava por ser meu parente. Outros, sr. comendador, diziam que ele era meu filho e da mulher que o amparara. Perdoei aos caluniadores, para que Deus me perdoe

os escândalos que dei: era justo que me difamassem porque eu dei aso a isso com os desatinos da minha mocidade. Maria, quando soube que tinha seu filho vivo, ganhou forças, quis viver, e venceu a doença. Dizia-me ela: «se eu viver, hei-de ter alguma coisa desta casa, e o que eu tiver será do meu filho: e, se eu morrer, ficará pobrezinho de pedir». De pedir não — disse eu — porque vou mandar-lhe ensinar um ofício, logo que ele chegue à idade de poder trabalhar. Perguntou-me então se eu sabia alguma coisa do Belchior. Fora da confissão, respondi-lhe que o calafate muito em segredo me dissera que ele fora para o Brasil. No primeiro ano, o calafate recebia a miúdo cartas do Belchior, que o rapaz escrevia à mãe adoptiva, cuidando que ela estava viva. O calafate escrevia para lá que a Bernabé tinha morrido; e o rapaz a escrever sempre à Bernabé. A opinião do calafate era que o Belchior andasse lá pelos sertões onde nunca lhe chegavam as cartas idas de Portugal. Depois, o calafate morreu. O que se passou dali em diante não sei. Foi isto o que eu contei a Maria. Por fim, espalhou-se por aí que o Belchior tinha morrido; e eu aproveitei a notícia, quer fosse verdade quer não, a fim de ver se o pai da pobre moça lhe dava alguma liberdade. Falei nisto ao Silvestre, e, em nome de Deus o fiz responsável pela privação em que a tinha da missa e dos sacramentos. Tanto lhe bati à porta da consciência dura, que consegui deixá-la confessar-se e ouvir missa ao menos uma vez de três em três meses. Pouco a pouco, obtive que ela viesse à igreja de quatro em quatro semanas, e nessas ocasiões já ela sabia que o seu filho era o menino que me ajudava à missa. Uma vez entrou na sacristia, não estando mais ninguém na igreja; abraçou-se ao filho, e desfez-se em lágrimas. Deixei-a, coitadinha! mas depois pedi-lhe que não tornasse a fazer tal imprudência, porque, se alguém a visse, não tornaria a sair do seu cárcere. O rapaz, quando fez catorze anos, lia e escrevia correntemente. Mande-lhe ensinar o ofício que escolhesse: quis ser carpinteiro, para o que tinha muita habilidade. Essa cadeira em que V. Ex.^a está sentado fez-ma ele. Veja que bonita peça! pois ainda não tinha um ano de ofício quando fabricou essa obra que parece feita no Porto!

— E está aqui nesta freguesia o tal Belchior? — perguntou o brasileiro.

— Não, meu senhor, está trabalhando em Braga; mas vem aqui todos os meses ver a mãe no dia em que ela se confessa.

— Todos os meses?

— Sim, sr., na primeira segunda-feira de cada mês. De hoje a oito dias, se eu viver, hei-de ouvi-la de confissão, e dou de jantar ao meu Belchior.

— De hoje a oito dias? Que prazer V. S.^a me dava, sr. abade, meu honrado e querido amigo, se me consentisse que eu contemplasse na sua igreja essa mártir a rever-se no seu pobre filho! Seria possível?

— Pois não é?! apareça V. Ex.^a na segunda-feira aí pelas seis horas da manhã, que é quando eu a confesso e lhe dou a comunhão. Vê-a a ela, e vê o rapaz que é ainda quem me ajuda à missa, e ministra o jarro de água à mãe, depois que ela comunga.

Eriçaram-se os cabelos do comendador por uma espécie de eterização, mescla de entusiasmo, de arroubamento e de tristeza. Apertou ao seio as cãs do ancião, e beijou-o na fronte. O padre encarava-o com assombro, e ele murmurava:

— A sua história arrebatou-me!... Eu sou um homem que tenho a loucura da admiração pelas acções grandes. Se até hoje não acreditasse em Deus, cairia de joelhos a seus pés, confessando-o!

— Quem é que não acredita em Deus, meu amigo?! — perguntou o velho enxugando as lágrimas.

* * *

A segunda-feira apazada raiou com todas as pompas e músicas e perfumes de uma aurora de julho. O comendador Guimarães chegara de Braga, por volta da meia-noite, e ordenara ao escudeiro que o chamasse às quatro horas da manhã. Supérflua recomendação. Não dormira. Antes do alvorecer da manhã, chamara ele os criados, e mandara aparelhar os cavalos.

Às cinco e meia da manhã estava ele encostado a uma das campas do adro de Santa Maria de Abade. A distância, escavavam os cavalos insofridos na terra barrenta de um montado calvo. O sol verberava em uma das frestas da igreja. Os pardais pipilavam na oliveira, naquela mesma que, trinta e nove anos antes

dera, nas suas raízes recurvas à flor da terra, um berço empapado de chuva, àquele homem que ali se sentia feliz até ao extremo em que as palpações de júbilo laceram o coração como as farpas da agonia. As andorinhas chilreavam em redor da cornija da igreja e, esvoaçando-se por longos círculos, cortavam de notas embaladas pelas ondas de luz o grande hino, que na terra se completa com as lágrimas dos que podem chorá-las de gratidão à divina providência.

Ele, Belchior Bernabé, chorava essas lágrimas benditas, contemplando a terra onde a tecedeira pobre se ajoelhara para o levantar regelado até ao peito, e ressuscitá-lo com um milagre da caridade.

Às cinco horas e três quartos ouviu passos que soavam na trempe de ferro que forma o limiar do adro. Correu pressuroso ao cunhal da igreja, e viu uma mulher com um capote aconchegado à face, encaminhando-se para a porta transversal. Simultaneamente chegava, transpondo de salto a parede, um rapaz de boa presença, vestido de azul, com o seu chapéu de felpo branco na mão. O comendador parou, encostado ao cunhal. A mãe e o filho abraçavam-se, quando deram tento daquele homem estranho.

— Quem é? — perguntou Maria.

— É figurão! — disse ele — Eu vi aquele homem em Braga com o sr. deão e entraram no paço do sr. arcebispo. Ali abaixo na bouça estão dois cavalos, e um criado de libré. Hão-de ser dele...

— Queres tu ver que é um comendador que esteve em casa de teu avô faz hoje oito dias? Tua tia viu-o, e disse-me que ele era assim de bigode e suíças...

— Que estará ele a fazer aqui?

— Ele olha para nós?! perguntou a mãe olhando-o de través por entre a fresta formada pelo capote em que se encapuzava.

— Não tira os olhos da gente... e parece que está assim a modo de quem quer perder os sentidos!

— Estará doente!... Ainda bem que aí está o sr. abade...

— E lá vai falar com ele, minha mãe...

— Então é o mesmo que eu te dizia.

— Belchior! — chamou o abade — pega lá a chave, e entrem que eu já vou.

O moço foi buscar a chave, beijou a mão do padre, e abaixou a cabeça ao senhor desconhecido. O comendador, com os olhos cravados nele, movia-se num balanceado arfar de peito: era o esforço que punha em resistir aos ímpetos que o impulsio-
navam para o filho. O carpinteiro abriu a porta e entrou com a mãe na igreja, dizendo-lhe:

— Aquele sujeito estava a olhar para mim de um modo que parecia querer falar-me:...

O brasileiro, depois que respondeu ao cumprimento do abade, perguntou-lhe:

— V. S.^a terá dúvida em me ouvir de confissão?...

— Com muito contentamento, sr. comendador. Quando quer V. Ex.^a?

— Agora. Desejo receber a comunhão juntamente com a sua confessada.

— Pois seja agora.

E dizia entre si o padre: «Este homem foi alumiado pela graça divina, e Deus Nosso Senhor escolheu o mais pecador dos seus servos para instrumento da sua misericórdia com outro pecador!»

Entravam no arco da igreja de passagem para a sacristia. O abade curvou-se ao ouvido de Maria que fazia oração no altar do Santíssimo, e disse-lhe:

— Demora-te um pouquinho que eu vou confessar uma pessoa: — E, chamando Belchior: — Vai a casa, abre o segundo gavetão da cómoda, e traze a toalha grande de rendas que está engomada, para ministrar a comunhão àquele senhor que vou confessar.

* * *

O comendador saiu da sacristia meia hora depois, e foi ajoelhar no primeiro degrau do altar-mor. Maria, como visse sair o abade e acenar-lhe para o confessional, ergueu-se, passou rente do desconhecido, com os olhos no chão e a gola do capote apanhada nas faces.

Belchior tinha vindo com a toalha de folhos encanudados que desdobrava e ajeitava para o sagrado ministério. Depois,

entrou na sacristia com o galheteiro, renovou a água e o vinho, dobrou e sacudi a toalhinha de modo que a porção ainda não maculada servisse ao lavatório. De vez em quando, saía ao limiar da sacristia, e quedava-se a olhar para o comendador, que se conservava de joelhos, com a cabeça abaixada, amparando a fronte nas mãos erguidas.

O abade saiu do confessionário a manquejar trôpego, amparando-se à teia gradeada de um altar. O filho de Maria Ruiva foi dar-lhe o braço, e o ancião queixava-se de dores reumáticas nos joelhos e nos rins. A confessada subiu até à capela-mor, e ajoelhou atrás do brasileiro, lendo actos de contrição e a ladainha.

O abade começara a revestir-se para ir celebrar, quando o comendador se levantou, e de passagem para a sacristia, relançando os olhos a Maria, pôde ver-lhe o rosto alumado pela réstea refracta do sol que lampejava palpitante através da fresta, na superfície metálica de uns tocheiros dourados. Não a conheceria se a encontrasse. Aquele rosto havia sido purpurino, acetinado como as pétalas das rosas húmidas pelo rociar das formosas madrugadas. Tivera as curvas boleadas e lisas da saúde, da força, dos atritos do ar forte e do sol que enrubescia a epiderme e colora o sangue.

Estava magra, angulosa e lívida como as santas esculpturadas sob a inspiração do martírio; mas esta maceração era o formosura divina da alma, era a santificação da mulher aos olhos daquele homem.

Entrou na sacristia, e com trémula voz disse ao padre:

— Sr. Abade, peço-lhe que antes de subir ao altar chame aqui a sua confessada.

— Aqui?! perguntou o abade com espanto — Ela é muito acanhada...

Presumia que o comendador desejava simplesmente ver de perto a mulher cuja desgraçada história o comovera.

— Não importa — voltou o brasileiro — é urgente que ela aqui venha antes que o sr. abade nos dê a comunhão.

— Sim?! — voltou o padre — Pois bem...

E, saindo ao umbral da sacristia, chamou a filha de Silvestre.

Ela entrou com timidez e assombro. O filho, que suspendia ainda nas mãos as dobras da alva que o padre estava vestindo,

largou-as, deixou pender os braços, e empedrou na expressão imóvel da curiosidade.

Neste lance, o comendador apresentou ao abade meia folha de papel selado, e pediu-lhe que a lesse. O padre pediu a Belchior que lhe chegasse os óculos, pô-los trêmulamente, acercou-se de uma fresta, e, lendo primeiro a assinatura, disse:

— É a assinatura de sua eminência o sr. arcebispo de Braga?... Conheço-a...

Ergueu a vista ao alto da folha, e leu:

Concedemos ao abade de Santa Maria desta nossa diocese, no concelho de Vila Nova de Famalicão, que possa, sem prévia leitura de banhos, celebrar o sacramento do matrimónio entre os contraentes de maior idade...

Aqui, o abade estacou, abriu demasiadamente os olhos, acertou os óculos na base do nariz, premiu as pálpebras com o dedo polegar, repôs de novo os óculos, e disse ao filho de Maria:

— Ó rapaz que nomes são estes que estão neste papel?

O carpinteiro leu: *entre os contraentes de maior idade Belchior Bernabé, filho de pais incógnitos, e Maria Lopes, filha legítima de Silvestre Lopes e...*

— Que é isto? — exclamou o abade — Santo Deus! que é isto?

— Belchior Bernabé — disse o rapaz com o mais cândido assombro — sou eu!...

— Belchior Bernabé é teu pai, meu filho! — exclamou o comendador, abraçando-o; e, ao mesmo tempo, encurvando o braço pelo colo de Maria, puxou-a para o peito, tocou-lhe com os lábios ardentes como as lágrimas na face, e murmurou-lhe soluçante: — Aqui me tens, minha desgraçada Maria! aqui está o pobre enjeitado!...

Ela expidiu um grito estridente como o da alegria dos encarcerados, dos condenados à eterna desonra que viram inopinadamente golfar-lhes na treva a luz do céu e a reabilitação da honra. Queria reconhecê-lo, tateando-lhe as faces; mas faltou-lhe a clareza dos olhos e a lucidez da razão. Ela pedia luz, pedia a Deus que a não deixasse morrer, e desfalecia pendente do pescoço de Belchior.

* * *

A felicidade de Maria era santa: custara vinte anos de afrontas sofridas com paciência, sem revolta contra a implacável barbaridade do pai, nem contra a imobilidade das forças divinas. Esperara em Deus, esperara sempre. Dizia ela que sonhara aquilo mesmo — a vinda de Belchior, e a restauração da sua honra.

Contava-o ela ao abade, e ao esposo, e ao filho, à porta do templo: e ele, o ancião, com as rugas da face luzentes de lágrimas, dizia:

— Fui eu quem vos baptizou, e quem vos casou, meus filhos. Agora, enterrai-me vós que eu não tenho ninguém.

Belchior Bernabé exigiu como dote de sua mulher o estábulo dos bois edificado sobre os alicerces da casa onde fora recolhido e aquecido ao seio da tecedeira. Ali, onde foi cabana de candura e oração, está hoje um palacete com as mesmas coisas divinas, acrescentadas pela felicidade do amor. Vê-se de longe o palácio do comendador Belchior; e lá ao pé, no interior do palácio, as pompas da arquitectura e das decorações desaparecem deslumbradas pelo que há de imortal nas obras humanas: a virtude. Lá está o abade resignatário de Santa Maria entrevado: mas todas as manhãs é transferido da cama para a cadeira que lhe fez o seu Belchior Júnior, aquele rapaz que não resiste à vocação de carpintejar, e está fabricando uma nova cadeira de rodas e molas para o seu velhinho.

In Novelas do Minho: *O Comendador*, de Camilo Castelo Branco.